



Colheita da Soja no Brasil finaliza com preços em alta

Saúde

Falta de medicamentos afeta consumidores e hospitais em São Paulo e no Rio

Pediatras trocam receitas para ajudar os pais a iniciar tratamento

Por Cleide Carvalho — São Paulo

06/05/2022 16h57 - Atualizado há 5 dias



Farmácia em SP — Foto: Edison Dantas

A falta ou dificuldade para aquisição de antibióticos, antialérgicos e até mesmo dipirona afeta o consumidor e também os hospitais em São Paulo e no Rio de Janeiro. Dados preliminares de uma pesquisa do Sindicato dos Hospitais, Clínicas e Laboratórios do Estado de São Paulo (SindHosp), iniciada na semana passada com instituições da capital e do interior, mostram que pelo menos um terço tem tido problemas com fornecimento antibióticos e aminoglicosídeos (gentamicina, amicacina, estreptomina e tobramicina), além de dipirona, Dramin B6 injetável e imunoglobulina humana, usada no tratamento de desordens imunológicas. Além da dificuldade de compra de alguns remédios, 72% dos hospitais afirmam que têm enfrentado aumentos significativos de preços.



Patrocinado por Safra
Safra Top 10 Ações: JBS é incluída em maio

Vendedores de farmácias de grandes redes, como Droga Raia, Drogasil e Drogaria São Paulo, ouvidos pelo GLOBO, confirmam que, para o consumidor, estão em falta medicamentos de uso infantil como amoxicilina pura e com clavulanato e azitromicina. Segundo eles, antialérgicos e xaropes também enfrentam problemas com reposição irregular, o que obriga os consumidores a voltar ao médico para trocar receitas. Os representantes de laboratórios dizem a eles que é o problema é temporário, devido à alta demanda.

O presidente da Sociedade de Pediatria do Estado do Rio de Janeiro, Claudio Hoineff, confirma que os pediatras estão reclamando do desabastecimento destes mesmos antibióticos há cerca de um mês. Não há observações em relação a antialérgicos.

-- Quando um profissional prescreve um antibiótico é porque sabe que determinada bactéria é sensível a ele. Se não tem no mercado, precisa partir para um plano B. A amoxicilina, por exemplo, é considerada a melhor para alguns tipos de pneumonia. É possível partir para uma segunda opção, para outra família de sais, mas que não é a preferência do médico -- diz ele.

No Rio, segundo ele, os médicos relatam também a falta de dipirona em gotas, que costuma ser substituída por paracetamol.

O presidente do SindHosp, Francisco Balestrin, afirma que o problema de reposição de estoques nos hospitais de São Paulo começou há cerca de um mês e meio e a entidade fez um alerta. Agora, está em curso uma pesquisa para dimensionar o tamanho do problema.

Na avaliação dele, a dificuldade de abastecimento está na desorganização do fluxo do comércio internacional, iniciada com a paralisação de cadeias produtivas durante a pandemia e agravada pela invasão da Ucrânia pela Rússia e pela política Covid zero da China, que junto com a Índia são os maiores produtores de insumos farmacêuticos. Há ainda o aumento nos preços dos combustíveis, que pressionam os custos devido ao frete.

-- Esse conjunto de fatores afeta os fluxos de comércio exterior e os preços. Veja o caso da dipirona injetável. A ampola âmbar, usada para acondicionar o remédio, ficou mais cara do que todo o produto todo pronto -- diz ele.

DEMANDA ESPERADA

Os médicos do Hospital Infantil Sabará, referência no atendimento a crianças na capital paulista, estão tendo problemas para prescrever os medicamentos. O médico Thales Araújo, gerente do Pronto Socorro, confirma que há desabastecimento de antibióticos para crianças nas farmácias. Em geral, as crianças tomam o remédio do tipo suspensão (líquido) e não comprimidos.

Segundo ele, a demanda está alta desde o fim de março, com o início do outono, e com a volta da chamada "vida normal", com adultos e crianças sem máscaras nas escolas. Os vírus respiratórios -- como os da gripe e o vírus sincicial respiratório (VSR), que acomete principalmente crianças -- são sazonais e costumam circular mais nesta época do ano.

-- Voltamos ao fluxo de atendimento anterior à pandemia. Nos últimos dois anos as crianças ficaram em casa e houve redução na circulação dos vírus respiratórios. Agora, elas voltaram a ficar suscetíveis -- diz Araújo.

A falta de medicamentos nas farmácias, diz o médico, gera ansiedade e preocupação às famílias, que precisam iniciar logo o tratamento das infecções respiratórias. Cerca de 60% das crianças atendidas têm até 4 anos de idade.

A falta de medicamentos nas farmácias, diz o médico, gera ansiedade e preocupação às famílias, que precisam iniciar logo o tratamento das infecções respiratórias. Cerca de 60% das crianças atendidas têm até 4 anos de idade.

-- São antibióticos muito usados e que fazem muita falta. Normalmente temos antibióticos de primeira, segunda e terceira escolha. É preciso buscar alternativas para iniciar o tratamento logo -- diz ele.

Para enfrentar a escassez de produtos nas farmácias, os pediatras do Sabará passaram a fazer receitas com várias opções de antibióticos e antialérgicos. Além disso, o hospital passou a usar a telemedicina, para que a situação possa ser avaliada com os pais e a nova receita enviada eletronicamente, sem necessidade de retorno ao hospital.

Araújo afirma que também o setor de compras do Sabará fez alerta interno para a dificuldade de reposição de remédios. Segundo ele, o estoque desses produtos está sendo controlado e ainda não houve falta de nenhum remédio para pacientes internados.

-- É uma situação muito difícil. A equipe se desdobra para ajudar as famílias a iniciar o tratamento logo -- diz ele.

PROBLEMAS PONTUAIS

O Aché, um dos laboratórios procurados pelo GLOBO, informou que o aumento de casos de doenças respiratórias nos últimos meses tem provocado um crescimento atípico na demanda por produtos para essas necessidades e que se trata de uma situação pontual, mas que alcança todo o mercado farmacêutico nacional.

"O Aché está empenhado na regularização dos estoques e comercialização para breve, previstas para os meses de maio e junho", diz a nota.

O laboratório Sandoz, em nota, informou que a produção de amoxicilina + clavulanato de potássio, utilizado principalmente na área da pediatria, segue normalmente seu fluxo de manufatura, mas que pode ocorrer desabastecimento pontual e que está trabalhando para minimizar os impactos da pandemia também na distribuição dos medicamentos.

Em relação ao Zinnat, a GSK informa em nota que a Sandoz adquiriu a linha de antibióticos de cefalosporina em outubro de 2020. A empresa, que ainda mantém a fabricação do Zinnat, reconhece o desabastecimento da suspensão Afarim, porém, que é um problema pontual e que as duas empresas trabalham em conjunto para restabelecer o fornecimento com a maior urgência possível.

"O fenômeno de desabastecimento de medicamentos vem sendo enfrentado de forma constante no país e no mundo, principalmente devido à retomada da demanda global, resultante da flexibilização de atividades e circulação de pessoas, após o período de quase dois anos de isolamento causado pela pandemia de Covid-19", afirma nota.